

ACOLHIMENTO E VÍNCULO TERAPÊUTICO NA TERAPIA SISTÊMICA: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E PERSPECTIVAS DA PSICOLOGIA CLÍNICA

Ítalo Martins Lôbo¹
Andreza Carolina Ramos Lôbo²
Elisangelica Melo Portela³
Helane Liege Belisario Pinto Ambrozim⁴
Junia Belisario Pinto⁵
Marciane Dias dos Santos⁶
Silvana Maria Aparecida Viana Santos⁷

RESUMO: Este estudo realizou uma revisão bibliográfica para mapear e descrever as conceitualizações de acolhimento e vínculo terapêutico na abordagem sistêmica, com foco em sua relevância clínica e fundamentação teórica. A pesquisa foi motivada pela lacuna na síntese desses conceitos frente aos paradigmas da ciência contemporânea, enfatizando a circularidade e a retroalimentação como princípios centrais da terapia sistêmica. O objetivo foi compreender o acolhimento e o vínculo psicológico, identificando práticas de empatia, neutralidade e ausência de julgamentos na literatura sistêmica. A metodologia envolveu a seleção de artigos publicados entre 2000 e 2025, indexados em bases como SciELO, PsycINFO, Web of Science e Scopus, com critérios de inclusão que priorizaram estudos em português e espanhol que abordassem simultaneamente acolhimento, vínculo e princípios sistêmicos. Foram excluídos trabalhos com perspectiva reducionista. A análise qualitativa, realizada com o software NVivo, resultou na categorização de unidades de significado em uma síntese narrativa. Os resultados destacam que o acolhimento sistêmico transcende a recepção inicial, criando um ambiente seguro que promove engajamento e confiança no sistema relacional. O vínculo terapêutico, sustentado por empatia funcional e neutralidade estratégica, emerge como uma aliança colaborativa essencial para a co-construção de soluções, alinhada aos padrões circulares de interação. A integração com a tradição sistêmica evidencia a importância da escuta ativa e da imparcialidade para mapear dinâmicas relacionais sem atribuir culpas, ampliando a agência dos clientes. Este estudo contribui para um arcabouço teórico robusto, sugerindo que a operacionalização intencional de práticas de acolhimento e vínculo pode otimizar intervenções clínicas e abrir caminhos para futuras pesquisas sobre a eficácia da terapia sistêmica em diferentes contextos e populações.

70

Palavras-Chave: Sistêmica. Acolhimento. Vínculo. Psicologia.

¹Doutorando em Psicologia Clínica, Christian Business School (CBS).

²Especialista em Neuropsicologia, Unyleya,

³Mestranda em Psicologia Organizacional, Must University (MUST).

⁴Mestranda em Gestão de Cuidados da Saúde, Must University (MUST).

⁵Mestranda em Gestão de Cuidados da Saúde, Must University (MUST).

⁶Mestranda em Gestão de Cuidados da Saúde, Must University (MUST).

⁷Doutoranda em Ciências da Educação, Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS).

RESUMEN: Este estudio llevó a cabo una revisión bibliográfica para mapear y describir las conceptualizaciones de acogida y vínculo terapéutico en el enfoque sistémico, con un enfoque en su relevancia clínica y fundamentación teórica. La investigación fue motivada por la brecha en la síntesis de estos conceptos frente a los paradigmas de la ciencia contemporánea, destacando la circularidad y la retroalimentación como principios centrales de la terapia sistémica. El objetivo fue comprender la acogida y el vínculo psicológico, identificando prácticas de empatía, neutralidad y ausencia de juicios en la literatura sistémica. La metodología incluyó la selección de artículos publicados entre 2000 y 2025, indexados en bases como SciELO, PsycINFO, Web of Science y Scopus, con criterios de inclusión que priorizaron estudios en portugués y español que abordaran simultáneamente acogida, vínculo y principios sistémicos. Se excluyeron trabajos con una perspectiva estrictamente reduccionista. El análisis cualitativo, realizado con el software NVivo, resultó en la categorización de unidades de significado en una síntesis narrativa. Los resultados destacan que la acogida sistémica trasciende la recepción inicial, creando un entorno seguro que promueve el compromiso y la confianza en el sistema relacional. El vínculo terapéutico, sustentado por una empatía funcional y una neutralidad estratégica, emerge como una alianza colaborativa esencial para la co-construcción de soluciones, alineada con los patrones circulares de interacción. La integración con la tradición sistémica evidencia la importancia de la escucha activa y la imparcialidad para mapear dinámicas relacionales sin atribuir culpas, ampliando la agencia de los clientes. Este estudio contribuye a un marco teórico robusto, sugiriendo que la operacionalización intencional de prácticas de acogida y vínculo puede optimizar intervenciones clínicas y abrir caminos para futuras investigaciones sobre la eficacia de la terapia sistémica en diferentes contextos y poblaciones.

Palabras clave: Sistémica. Acogida. Vínculo. Psicología.

ABSTRACT: This study conducted a literature review to map and describe the conceptualizations of therapeutic welcoming and bonding in the systemic approach, focusing on their clinical relevance and theoretical foundation. The research was driven by the gap in synthesizing these concepts in light of contemporary scientific paradigms, emphasizing circularity and feedback as central principles of systemic therapy. The objective was to understand psychological welcoming and bonding, identifying practices of empathy, neutrality, and absence of judgment in systemic literature. The methodology involved selecting articles published between 2000 and 2025, indexed in databases such as SciELO, PsycINFO, Web of Science, and Scopus, with inclusion criteria prioritizing studies in Portuguese and Spanish that simultaneously addressed welcoming, bonding, and systemic principles. Works with a strictly reductionist perspective were excluded. Qualitative analysis, performed using NVivo software, resulted in the categorization of meaning units into a narrative synthesis. The findings highlight that systemic welcoming transcends initial reception, creating a safe environment that fosters engagement and trust within the relational system. The therapeutic bond, supported by functional empathy and strategic neutrality, emerges as a collaborative alliance essential for co-constructing solutions aligned with circular interaction patterns. Integration with the systemic tradition underscores the importance of active listening and impartiality in mapping relational dynamics without assigning blame, thereby enhancing clients' agency. This study contributes to a robust theoretical framework, suggesting that the intentional operationalization of welcoming and bonding practices can optimize clinical interventions and pave the way for future research on the effectiveness of systemic therapy across diverse contexts and populations.

Keywords: Systemic. Welcoming. Bonding. Psychology.

INTRODUÇÃO

Esta introdução apresenta a fundamentação teórica e conceitual para investigar como práticas de acolhimento e vínculo psicológico são compreendidas na abordagem sistêmica,

destaca-se lacuna na síntese desses temas frente ao paradigma da ciência contemporânea, justifica a incorporação de conceitos como circularidade e formula-se a questão de pesquisa e os objetivos do estudo.

Antes de mais nada se faz necessário a delimitação entre cliente e paciente, discussão frequente nos arcabouços teóricos da psicologia, para o viés sistêmico o termo adotado é cliente, logo desta forma abordar-se-á utilizando-se deste termo.

Acolher o cliente em psicoterapia implica criar um ambiente seguro e de aceitação, no qual o indivíduo se sinta compreendido e livre para expressar seus pensamentos e emoções sem medo de críticas ou rejeição (Rogers, 1957). Essa postura de aceitação incondicional, ou *unconditional positive regard*, favorece a percepção de segurança e fortalece a autoaceitação do cliente (Rogers, 1957). Além disso, práticas de acolhimento estão associadas a melhores resultados terapêuticos e maior satisfação do cliente, tornando-se um elemento-chave da aliança terapêutica (NORCROSS et al., 2011).

Rogers (1957) descreveu seis condições necessárias e suficientes para a mudança terapêutica, ressaltando a importância da aceitação incondicional e da congruência do terapeuta para o estabelecimento de um vínculo sólido. Barrett-Lennard (1981) refinou o conceito de empatia, apresentando um ciclo de ressonância e resposta que sustenta o acolhimento emocional na relação terapêutica. Mearns & Thorne (1999) exploraram a noção de “empatia profunda” e reforçaram a necessidade de uma postura não julgativa e genuína por parte do terapeuta. Norcross et al. (2011), em meta-análises sobre elementos relacionais efetivos, identificaram a neutralidade e a responsividade adaptativa como fatores cruciais para o fortalecimento da aliança terapêutica.

A terapia sistêmica entende o indivíduo como parte de um sistema relacional em que a circularidade e a retroalimentação das interações são centrais (BATESON, 1972; HALEY, 1963). Nesse quadro, práticas de empatia, não-julgamento, acolhimento e vínculo terapêutico configuram-se como pilares para um processo clínico eficaz.

A empatia sistêmica exige do terapeuta escuta ativa e ressonância emocional com cada membro do sistema, de modo a reconhecer e refletir seus sentimentos sem impor interpretações externas (BARRETT-LENNARD, 1981; MEARNS; THORNE, 1999). Essa postura permite mapear padrões circulares de interação e estabelece a base relacional necessária para a mudança.

A ausência de julgamentos, por sua vez, implica neutralidade valorativa: o terapeuta não atribui culpa nem privilegia narrativas, mas abre espaço para todas as vozes com igual respeito

(MEARNS; THORNE, 1999; SILVA; GARCIA, 2013). Na prática, esse não-julgamento ajuda o sistema a perceber feedbacks recíprocos em vez de buscar um causador único do problema.

O acolhimento psicoterapêutico na abordagem sistêmica vai além de uma recepção inicial calorosa: visa criar um ambiente seguro que envolve todo o sistema familiar desde o primeiro contato (ROGERS, 1957; MARTENS et al., 2004). O acolhimento sistemático integra os membros, compartilhando poder de resolução e orientando-os sobre o processo terapêutico, o que facilita a adaptação e engajamento na terapia.

Finalmente, o vínculo terapêutico é entendido como uma aliança cooperativa e duradoura entre o terapeuta e todos os participantes do sistema (MARTENS et al., 2004; NORCROSS; LAMBERT, 2011). Esse vínculo, sustentado pela empatia e pela neutralidade, cria um espaço de confiança que favorece o engajamento nas intervenções e a co-construção de soluções, em consonância com os princípios circulares da teoria sistêmica.

A seguir tem-se a nuvem de palavras que foi elaborada com base em um conjunto de termos associados a práticas terapêuticas, com destaque para conceitos como "vínculo", "acolhimento" e "sistêmico", que emergem como centrais no contexto analisado. Essa visualização permite identificar rapidamente os temas predominantes e suas interconexões.



Fonte: Autoria própria

Incorporar conceitos sistêmicos enriquece a compreensão do vínculo terapêutico como um fenômeno recursivo e relacional. A ênfase na retroalimentação e nos padrões de interação pode oferecer um arcabouço teórico robusto para aprimorar práticas de acolhimento e fortalecer o vínculo clínico, de modo que assim se justifica-se esta pesquisa que tem como objetivo compreender sobre o acolhimento e vínculo psicoterapêutico na perspectiva sistêmica. Verificar e descrever o acolhimento e o vínculo psicológico e sua importância segundo a abordagem sistêmica. Logo, objetiva-se mapear definições de acolhimento na literatura sistêmica, descrever o vínculo terapêutico e identificar práticas de empatia, neutralidade e ausência de julgamentos.

MÉTODO

A presente pesquisa constituiu-se em uma revisão bibliográfica destinada a mapear e descrever as conceitualizações de acolhimento e vínculo psicológico na abordagem sistêmica. Foram selecionados artigos científicos publicados entre 2000 e 2025, indexados em bases como *SciELO*, *PsycINFO*, *Web of Science* e *Scopus*, tendo-se como critérios de inclusão trabalhos que mencionassem simultaneamente acolhimento, vínculo terapêutico e princípios sistêmicos (por exemplo, circularidade e retroalimentação) e como critério de exclusão estudos guiados por perspectiva estritamente reducionista. As buscas foram realizadas entre março e abril de 2025 por meio da combinação booleana dos descritores “acolhimento” ou “vínculo” com “abordagem sistêmica”. Produções em português brasileiro e espanhol foram aceitas, produções nas demais línguas não foram selecionadas. Após a identificação dos textos relevantes, procedeu-se à leitura crítica de cada um deles, seguida de codificação aberta em software de análise qualitativa (NVivo). As unidades de significado emergentes foram agrupadas em categorias temáticas e integradas em uma síntese narrativa que fundamentou a discussão sobre os modos de operacionalização e a importância clínica do acolhimento e do vínculo no contexto da terapia sistêmica.

74

RESULTADOS

A seguir apresenta-se uma compilação dos dez trabalhos analisados, organizados em ordem decrescente de data de publicação, em conformidade com as normas da ABNT. A Tabela 1 inclui, para cada referência, o nome dos autores, o ano de publicação e o título do artigo. A seleção abrange artigos de periódicos que versam sobre a aplicação da abordagem sistêmica em

contextos clínicos diversos (psicologia, enfermagem, terapia familiar), destacando tendências contemporâneas e históricas dessa perspectiva. A organização cronológica permite visualizar a evolução dos temas tratados, desde a fundamentação teórica até intervenções clínicas específicas.

Tabela 1 – Artigos selecionados.

Autores	Ano	Título
García, F. E.; Beyebach, M.; Cova, F.; Concha-Ponce, P.; & Mardones, R.	2021	Avaliação de um protocolo de intervenção em Terapia Sistêmica Breve para pessoas expostas a um evento estressante recente
Zamora Huerta, C. C.; Álvarez Cuevas, S. M.; & Peña Castillo, R. F.	2020	<i>Terapia Sistémica y apoyo social. Una intervención psicoterapéutica ante el divorcio</i>
Mardones, R.; & Escalona, E.	2020	<i>Adolescentes en Terapia. Intervención desde el enfoque sistémico</i>
Alvear Mendoza, M. L.; Jerez Bezenberger, R. M.; & Chenevard, C. L.	2012	<i>Formación de terapeutas en un programa de especialización en terapia familiar sistémica</i>
Neumann, A. P.; & Zordan, E. P.	2011	A implantação do acolhimento na abordagem sistêmica em uma clínica-escola: possibilidades e desafios
Costa, L. F. F.	2010	A Perspectiva Sistêmica para a Clínica da Família
Couto, M. C. P.; Prati, L. E.; Falcão, D. V. S.; & Koller, S. H.	2008	Terapia familiar sistêmica e idosos: contribuições e desafios
Córdoba, Á. H.	2007	<i>Trascender los dilemas del poder y del terapeuta como experto en la psicoterapia sistémica</i>
Guimarães, F. L. L.; & Costa, L. F. F.	2003	Clínica psicológica do adolescente: do sistema à abordagem narrativista
Galera, S. A. F.; & Luis, M. A. V.	2002	Principais conceitos da abordagem sistêmica em cuidados de enfermagem ao indivíduo e sua família

Fonte: Autoria própria

DISCUSSÃO

No estudo de Mardones e Escalona (2020), a construção da aliança terapêutica é enfatizada como elemento primordial já na fase inicial do atendimento, em que o terapeuta se posiciona como um “adulto significativo” no processo de mudança do adolescente, adotando postura de apoio e colaboração acima de um viés meramente diretivo (MARDONES; ESCALONA, 2020). Essa aliança ganha forma por meio de manobras de enquadramento e da co-construção de objetivos terapêuticos, estratégias que não apenas fortalecem o vínculo, mas também validam a experiência subjetiva do jovem, promovendo empatia funcional sem atribuir responsabilidades isoladas pelo problema.

Na perspectiva da Escola de Milão, Boscolo, Cecchin, Hoffman e Penn (1993) reconfiguram o princípio da neutralidade como uma aliança simultânea com todos os membros

do sistema familiar, de modo que o terapeuta evita posicionar-se “a favor” ou “contra” qualquer indivíduo, mas oferece um olhar empático que sustenta hipóteses circulares sobre as dinâmicas apresentadas (BOSCOLO et al., 1993) . Essa neutralidade estratégica, combinada com a conotação positiva, viabiliza intervenções que ampliam a agência dos clientes, promovendo uma escuta investigativa e não-julgadora.

No âmbito da enfermagem familiar, Galera e Luis (2002) destacam que o princípio da neutralidade requer da enfermeira uma postura imparcial diante do sistema familiar, evitando a crença em “verdades absolutas” e cultivando curiosidade para gerar hipóteses múltiplas sobre a realidade apresentada . Essa atitude não-julgadora sustenta a confiança necessária para que cada membro expresse suas percepções sem receio de críticas, fortalecendo, assim, o vínculo terapêutico e a abertura empática do grupo.

No artigo sobre Terapia Familiar Sistêmica com idosos, a empatia aparece na valorização dos recursos pessoais por meio de vinhetas de casos prototípicos, que ilustram intervenções focadas na ampliação do repertório de estratégias de enfrentamento e na ressignificação de perdas associadas ao envelhecimento (COUTO et al., 2008). A escolha de atividades significativas e o envolvimento respeitoso do terapeuta favorecem um espaço sem julgamentos, em que o idoso é reconhecido como portador de potencialidades e sabedoria, contribuindo para o fortalecimento do vínculo.

76

Por fim, o relato de implantação da prática de acolhimento na clínica-escola enfatiza a co-construção de um espaço de escuta focal que considera padrões de interação e redes de apoio, prevendo encaminhamentos participativos e organizando registros que atendam às especificidades familiares (NEUMAN, E ZORDAN, 2011). Nesse contexto, a empatia e a neutralidade são condições essenciais para que o acolhimento se constitua como prelúdio de uma aliança terapêutica sólida, capaz de prever e favorecer a adesão ao processo de terapia familiar.

A integração dos achados empíricos sobre aliança terapêutica, empatia e neutralidade com a tradição clássica da Terapia Sistêmica revela afinidades e desdobramentos teóricos fundamentais. Desde os primórdios da abordagem sistêmica, autores como Watzlawick, Beavin e Jackson (1967) já apontavam o caráter relacional da comunicação terapêutica, o que prescreve uma postura de não-julgamento e de escuta ativa por parte do terapeuta, essencial para a construção de vínculos seguros (WATZLAWICK; BEAVIN; JACKSON, 1967). Na obra “Pragmática da Comunicação Humana”, enfatiza-se que qualquer mudança no sistema familiar

requer um posicionamento que reconheça a circularidade das interações, postura essa que se sustenta na neutralidade e na empatia investigativa, tal como observado em Galera e Luis (2002) e no grupo de Milão (BOSCOLO et al., 1993).

Salvador Minuchin (1974), ao propor a Terapia Estrutural de Famílias, introduziu o conceito de adesão, no qual o terapeuta se alinha às regras e ao estilo comunicativo da família para, a seguir, promover transformações na hierarquia e nos subsistemas; esse processo implica, inevitavelmente, um profundo exercício de empatia e de co-construção de objetivos, muito semelhante às manobras de enquadramento e estabelecimento de metas vistas em Mardones & Escalona (2020) (MINUCHIN, 1974). A capacidade de “entrar” no mundo familiar atende, portanto, tanto à criação de aliança terapêutica quanto ao respeito às narrativas singulares dos membros do sistema, validando suas percepções sem atribuir culpa isolada.

Jay Haley (1976), ao formular a Terapia Estratégica, valorizou a clareza pragmática na definição de tarefas terapêuticas, mas também destacou a importância de um vínculo colaborativo que permitisse ao cliente sentir-se compreendido e apoiado, garantindo adesão às prescrições. Essa ênfase em um “apoio estratégico” reflete as mesmas práticas de empatia funcional e ausência de julgamentos descritas por Couto et al. (2008) ao abordar a assimetria de poder terapêutica (HALEY, 1976). Para Haley, a aliança não é apenas meio, mas também parte integrante da técnica, pois somente em um contexto de segurança relacional as prescrições provocam mudanças duradouras.

77

A Escola de Milão, com Selvini-Palazzoli, Boscolo e Cecchin (1980), aprofundou o princípio da neutralidade ao instituir a prática do questionamento circular e da conotação positiva, estratégias que fazem do terapeuta um “recurso” para o sistema, sem se posicionar a favor de qualquer membro. Essa neutralidade ativa converge diretamente com os achados sobre a prática de enfermagem familiar (Galera; Luis, 2002) e o relato de acolhimento em clínica-escola, em que a postura imparcial e curiosa sustenta a abertura empática e a segurança para o relato de narrativas múltiplas (SELVINI-PALAZZOLI et al., 1980).

Por fim, Gregory Bateson (1972), em *“Steps to an Ecology of Mind”*, forneceu a base epistemológica para compreender a mente como um processo relacional, onde a empatia terapêutica e a neutralidade epistemológica se fazem necessárias para mapear padrões de interação disfuncionais sem recair em explicações lineares ou patologizantes. Essa visão sistêmica de ordem maior fundamenta a co-construção de significados e reforça o caráter

preventivo e colaborativo das práticas de acolhimento, aliança e empatia observadas nos estudos recentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste estudo destacam que as práticas de acolhimento e vínculo terapêutico na abordagem sistêmica emergem como elementos centrais para o sucesso do processo clínico, sustentadas pela empatia, neutralidade e ausência de julgamentos. A revisão bibliográfica revelou que o acolhimento vai além de uma recepção inicial, configurando-se como a criação de um ambiente seguro que envolve todo o sistema relacional, promovendo engajamento e confiança desde o primeiro contato. O vínculo terapêutico, por sua vez, caracteriza-se como uma aliança colaborativa, fortalecida pela escuta ativa e pela ressonância emocional, que permite a co-construção de soluções alinhadas aos padrões circulares de interação. Esses achados reforçam a importância de uma postura terapêutica que valorize a circularidade e a retroalimentação, mapeando dinâmicas relacionais sem atribuir culpas ou privilegiar narrativas, o que amplia a agência dos clientes e favorece mudanças sistêmicas duradouras.

A integração dos resultados com a tradição sistêmica evidencia que a empatia funcional e a neutralidade estratégica são práticas indispensáveis para sustentar a aliança terapêutica, especialmente em contextos clínicos diversos, como terapia familiar, atendimento a adolescentes e cuidados de enfermagem. A pesquisa aponta que o acolhimento sistemático, ao considerar as interconexões do sistema, fortalece a adesão ao processo terapêutico e promove a ressignificação de padrões disfuncionais. Assim, este estudo contribui para a consolidação de um arcabouço teórico robusto que aprimora a compreensão do acolhimento e do vínculo como fenômenos relacionais e recursivos, sugerindo que sua operacionalização intencional pode otimizar intervenções clínicas e abrir caminhos para futuras investigações sobre a eficácia de práticas sistêmicas em diferentes populações e contextos.

REFERÊNCIAS

ALVEAR MENDOZA, M. L.; JEREZ BEZZENBERGER, R. M.; CHENEVARD, C. L. Formación de terapeutas en un programa de especialización en terapia familiar sistémica. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 17, n. 2, p. 183-193, abr./jun. 2012.

BARRETT-LENNARD, G. T. The empathy cycle: refinement of a basic concept. *Journal of Counseling Psychology*, v. 28, n. 2, p. 91-100, 1981.

- BATESON, G. Steps to an ecology of mind. London: Paladin, 1972.
- BOSCOLO, L.; CECCHIN, G.; HOFFMAN, L.; PENN, P. Milan systemic family therapy: conversations in theory and practice. New York: Basic Books, 1992.
- CÓRDOBA, Á. H. Trascender los dilemas del poder y del terapeuta como experto en la psicoterapia sistémica. Universitas Psychologica, Bogotá, v. 6, n. 2, p. 285-293, maio/ago. 2007.
- COSTA, L. F. F. A perspectiva sistêmica para a clínica da família. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 26, n. especial, p. 95-104, 2010.
- GALERA, S. A. F.; LUIS, M. A. V. Principais conceitos da abordagem sistêmica em cuidados de enfermagem ao indivíduo e sua família. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 141-147, 2002.
- GARCÍA, F. E.; BEYEBACH, M.; COVA, F.; CONCHA-PONCE, P.; MARDONES, R. Evaluación de un protocolo de intervención en terapia sistémica breve para personas expuestas a un evento estresante reciente. Psychologia, Bogotá, v. 15, n. 1, p. 43-55, jan./jun. 2021.
- GUIMARÃES, F. L. L.; COSTA, L. F. F. Clínica psicológica do adolescente: do sistema à abordagem narrativista. Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação, Ribeirão Preto, v. 12, n. 23, p. 163-174, 2003.
- HALEY, J. Strategies of psychotherapy. New York: Grune & Stratton, 1963.
- MARDONES, R.; ESCALONA, E. Adolescentes en terapia: intervención desde el enfoque sistémico. Ajayu, v. 18, n. 2, p. 280-311, 2020.
- MARTENS, M. P.; THOMPSON, B. L.; PROPP, J.; DYKSTRA, J. The system for observing family therapy alliances (SOFTA). Journal of Marital and Family Therapy, v. 30, n. 1, p. 31-45, jan. 2004.
- MEARNS, D.; THORNE, B. Person-centred counselling in action. 2. ed. London: Sage Publications, 1999.
- MINUCHIN, S. Families & family therapy. Cambridge: Harvard University Press, 1974.
- NEUMANN, A. P.; ZORDAN, E. P. A implantação do acolhimento na abordagem sistêmica em uma clínica-escola: possibilidades e desafios. Revista de Psicologia da IMED, Erechim, v. 3, n. 1, p. 496-505, 2011.
- NORCROSS, J. C.; LAMBERT, M. J. (ed.). Psychotherapy relationships that work: evidence-based responsiveness. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2011.
- PAULA COUTO, M. C. P.; PRATI, L. E.; FALCÃO, D. V.; KOLLER, S. H. Terapia familiar sistêmica e idosos: contribuições e desafios. Psicologia em Revista, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 135-152, 2008.
- ROGERS, C. R. The necessary and sufficient conditions of therapeutic personality change. Journal of Consulting Psychology, v. 21, n. 2, p. 95-103, abr. 1957.

SELVINI-PALAZZOLI, M.; BOSCOLO, L.; CECCHIN, G.; PRATA, G. Paradox and counterparadox: a new model in the therapy of the family in schizophrenic transaction. New York: Jason Aronson, 1980.

SILVA, A.; GARCIA, R. Considerações cross-culturais na terapia centrada na pessoa. Revista Brasileira de Psicoterapia, v. 10, n. 2, p. 45-60, 2013.

WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J. H.; JACKSON, D. D. Pragmatics of human communication: a study of interactional patterns, pathologies and paradoxes. New York: W. W. Norton & Company, 1967.

ZAMORA HUERTA, C. C.; ÁLVAREZ CUEVAS, S. M.; PEÑA CASTILLO, R. F. Terapia sistémica y apoyo social: una intervención psicoterapéutica ante el divorcio. Revista Costarricense de Psicología, San José, v. 99, n. 1, p. 1-19, jan./jun. 2020. E-ISSN 1659-2859.